

\*  
\* \* \*

LINS (Ivan). — **História do Positivismo no Brasil**. Editôra Nacional, São Paulo, 1964.

Ivan Lins acaba de publicar um valioso estudo acêrca das influências do positivismo em nossa terra. O livro é uma importante contribuição para a história das idéias no Brasil, fruto de muitos anos de uma paciente pesquisa. O Autor mostra-nos o positivismo na sua expressão ortodoxa, falha e paradoxal, e assinala também a expressão difusa do pensamento positivo, que teve, talvez, mais decisiva e real influência entre os intelectuais brasileiros da segunda metade do século passado.

A filosofia positiva, herdeira do pensamento científico do século XVII, que assistiu ao nascimento de uma ciência nova, floresceu no século XIX. E aí, a síntese de Augusto Comte, que, no dizer de Brunschvicg, é como que a orquestração de duas teses contraditórias, tem notável papel no devir da filosofia. Resultado do próprio desenvolvimento do nôvo espírito da ciência, o positivismo anunciou-se como um **novissimum organon** de um nôvo momento da inteligência humana, e a tal ponto que Comte e alguns dos seus discípulos julgaram ver no sistema que êle criara e que os outros seguiam, uma nova espécie de **filosofia perene**, verdadeira **Suma da sabedoria moderna**. Larga enciclopédia do conhecimento científico, assim como da moral e da política, graças à introdução da sociologia no bôjo de sua vasta síntese, a doutrina de Comte, considerada por muitos como verdadeiro via da **regeneração filosófica e políftsa da humanidade**, estava destinada, no momento em que apareceu, a atrair a atenção de alguns brasileiros cultos.

O mundo ocidental foi sede, desde o início do século XIX, de profundas transformações do pensamento social, conseqüentes a modificações da vida econômica. O positivismo traduziu diferentes aspectos dessas alterações e era natural, em país tão ligado à cultura européia como é o nosso, que viesse também a ter ressonância entre nós.

Assim, o positivismo foi parte, e talvez a mais importante, da-quele **bando de idéias** novas a que Silvio Romero fazia referência ao prefaciá o livro de Tobias Barreto, os **Vários Escritos**. O decênio que vai de 1868 a 1878 foi para a nossa vida espiritual, escrevia o crítico sergipano, o mais notável do século XIX. Até então: “nada havia sofrido nestas plagas o mais leve abalo: a filosofia espiritualista e católica” que constituira até então o fundamento ideológico do país, não sofrera “a mais insignificante oposição”. Essa remanescosa atmosfera intelectual iria ser agora transformada e novas idéias agitariam o Brasil, dando-lhe outras diretrizes de pensamento e de ação. E a mais importante delas foi, por certo, o positivismo.

Cada vez mais, e com maior intensidade, o pensamento positivo teria repercussão nas escolas, na imprensa, e até, como mostra Ivan Lins, no parlamento, onde a doutrina foi rudemente combatida como perigosa à ordem social e política então reinante.

A filosofia de Comte, “**síntese universal que englobava a totalidade dos aspectos humanos**”, e que no dizer do próprio Comte — “fornecia a **tôdas** as questões, tanto intelectuais quanto sociais **respostas sempre decisivas e plenamente concordantes**, de modo a poder **imediatamente dirigir a conduta privada e pública**”, estava destinada, em virtude do seu dogmatismo pragmático, a ser, como observa Ivan Lins, altamente sedutora, mas para uma elite que não possuía — e que não possuiu até bem mais tarde — tradições sólidas de cultura intelectual e filosófica. A nossa tradição colonial de cultura atraía-nos para a erudição, para a glosa, quando não para o simples armazenamento de conhecimentos. E por ser uma filosofia enciclopédica das ciências, da história e da política, a obra de Comte veio substituir o desgastado ecletismo até aquela data dominante na elite intelectual brasileira. O positivismo representou, assim, naquele momento, um primeiro ensaio ingênuo e perplexo de espírito crítico.

Assim, como se poderá verificar pela leitura do livro de Ivan Lins, o que na filosofia de Augusto Comte é insuficiência, cêdo se revelaria entre nós como virtude...

A idéia, dizia Alain em um dos seus **Propos**, não é o que nos atrai, mas o que nos impele. Ela nunca é suficiente; pela sua insuficiência ela nos lança a outra idéia e assim, sem cessar.

Na personalidade do sistematizador do positivismo, apesar de declarações suas em contrário, como as que se encontram em uma carta ao Dr. Audiffrent, a noção de insuficiência das idéias parece ser, porém, bem frágil. Além disso, no positivismo, expressão triunfante e eufórica da ciência do século XIX, apesar dos seus protestos de relativismo, não é difícil perceber certa suficiência sentenciosa. Daí haver Comte marcado um bom número dos seus discípulos com esse cunho dogmático, onde não aflora a dúvida, como, por exemplo naqueles homens admiráveis, por tantos outros motivos, como foram os chefes do **Apostolado**.

E' com razão, pois, que diz Ivan Lins, na VI parte de seu livro: muitos dos adeptos de Comte “extremaram-se, e por vêzes deixaram-se arrastar a excessos de zêlo, num estado de exaltação que os alienava das realidades sociais e políticas do seu meio e do seu tempo”. Atribui o autor, ao “verdor da mocidade” dos dois chefes do **Apostolado**, assim como ao desconhecimento da correspondência do Mestre, a exaltação religiosa que, sobretudo, caracterizou um dêles, Teixeira Mendes. Êste “ufanava-se de ser **apenas um eco do pensamento do filósofo**, não admitindo a menor tergiversação quanto aos dog-

mas do **Sistema de Política Positiva**, mesmo quando tudo indicasse que o próprio Augusto Comte não hesitaria em revê-los e corrigi-los”...

Dêste modo, como observa Vivaldo Coaracy, o positivismo de Miguel Lemos e de Teixeira Mendes, pela sua intransigência e intolerância, que atingia as raias do fanatismo, mais prejudicou do que serviu a causa, não apenas do positivismo como também do progresso da filosofia positiva. O Dr. Georges Audiffrent referindo-se aos discípulos brasileiros, seguidores da estrita observância à letra da doutrina comtiana, assim se expressava: “era preciso possuisse o positivismo um dorso de aço para ressitir às vergastada de ridículo a que o submetiam os seus adeptos brasileiros”...

Não adianta, portanto que, dez ou pouco mais de dez anos depois de iniciada a propaganda positivista no Brasil, o entusiasmo pelas idéias de Augusto Comte arrefecesse, estivesse a passar, como reconhecia Miguel Lemos.

A influência do positivismo no Brasil teve o seu momento, efêmero é certo, mas sugestivo e fecundo, como costumam ser os momentos de ruptura. As idéias de Augusto Comte são devidos os progressos de uma concepção mais objetiva, mais “científica” da própria filosofia. O positivismo abriu novas perspectivas ao nosso pensamento e criou, em muitas inteligências, outros e novos hábitos mentais. Enquanto outras doutrinas se nos afiguram não haverem passado de meros jogos intelectuais, de ornamento erudito de elites curiosas, do positivismo nos fica a impressão que êle penetrou mais fundo, que não foi diversão ou ornamento.

“Em qualquer parte que encontremos o homem, êste estranho animal, escrevia Jean-Richard Bloch, qualquer que seja a côr de sua pele, quaisquer que sejam a latitude e o clima, nós o surpreendemos, apesar das aparências contrárias, ocupado com um pensamento, obcecado por uma tarefa e por uma paixão. Através dos acidentes da vida, êle formula a questão fundamental do seu destino: Que ser sou eu? Que faço na terra? Qual a minha razão de ser?” Esta é a tarefa da filosofia, a faina de um perene filosofar que não se confunde com nenhuma filosofia perene.

A filosofia de tendência positiva, fruto do progresso da razão, também tenta dar resposta a estas questões e, pouco a pouco, mas sempre de maneira mais concreta, nos aproxima de relações mais exatas e adequadas à problemática que se encontra nas interrogações de Jean-Richard Bloch.

O positivismo de Augusto Comte expressou uma das tendências características do século passado. Foi um momento histórico da cultura humana. Mas a história é irreversível.

Continuará o positivismo? Sim, continuará como um rico e fecundo momento que foi do fluir da história da inteligência humana, do mesmo modo que na nossa cultura continuam o platonismo, o aristotelismo, o tomismo, o cartesianismo, o hegelianismo — sistemas de idéias nos quais se resumem tentativas de resposta ao problema do Universo e do Homem.

Por isso mesmo é de grande interesse conhecer como os nossos homens de pensamento do passado consideraram a grande construção de Augusto Comte.

O livro de Ivan Lins é, como se verá, um rico panorama da história do positivismo no Brasil, assunto em que o Autor é mestre. E, como de início já disse, é uma importante contribuição para a compreensão de uma fase, das mais interessantes, de nossa vida intelectual.

**J. CRUZ COSTA**

\*  
\* \*

**CARDOSO (Efraim). — El Paraguay Colonial. Las raices de la nacionalidad.** Prólogo de Justo Pastor Benitez. Ediciones Nizza. Buenos Aires-Assunción, 1959. Brochura. 229 páginas.

Obra dividida em seis capítulos, acompanhados de um prólogo e um curto epílogo.

A divisão em capítulos segue a seguintes disposição:

Capítulo I — A Raiz Geográfica. II — A Raiz Humana. III — A Raiz Econômica. IV — A Raiz Católica. V — A Raiz Libertadora. VI — A Raiz heróica.

Como indica a divisão da obra, o autor procura mostrar o Paraguai Colonial, partindo da análise dos fatores básicos que entraram na formação daquela nação. Apesar da divisão aparentemente rígida, os capítulos não são estanques havendo um natural entrosamento entre os vários fatores históricos estudados nos diversos capítulos.

Salta-nos logo à vista, o profundo conhecimento do autor sobre a documentação e bibliografia referentes à história do Paraguai; cada página do autor está acompanhada de profusa e renovada citação documental e bibliográfica.

A história que nos apresenta a autor é mais a história da formação social de um povo. No dizer de Justo Pastor Benitez, há uma dialética hegeliana dinâmica naquela história, isto é, há uma bivalência dinâmica, uma luta entre dois fatores fundamentais na formação do povo paraguaio. Luta entre o etnográfico e o geográfico. São dois fatores que procuram dominar-se mutuamente. Dessa luta há uma resultante que é a História do Paraguai. Para o autor a história do Paraguai é apenas a luta titânica de um povo para formar uma nação. Tudo o mais desaparece numa luta pela sobrevivência. O que explica de uma certa maneira o atraso intelectual e a falta de maturidade política que notamos no desenvolver da história daquele povo.

O autor é um dos mais abalisados estudiosos que, dentro da historiografia paraguaia, defende a idéia da continuidade histórica entre o período colonial e o independente. Para êle o período independente tem suas raízes profundas nas primeiras "capitulações" de Carlos V e nas missões jesuíticas que são grandemente responsáveis pela formação da nacionalidade paraguaia. Assim é que para o autor